



# FUNDAMENTOS SCHELERIANOS DA LOGOTERAPIA

Schelerian Fundamentals of Logotherapy

Fundamentos Schelerianos de la Logoterapia

NATHALIE BARBOSA DE LA CADENA\*  
(UNIVERSIDADE FEDERAL  
DE JUIZ DE FORA)

GUSTAVO ARJA CASTAÑON\*\*  
(UNIVERSIDADE FEDERAL  
DE JUIZ DE FORA)

**Resumo:** A Logoterapia proposta por Viktor Frankl está fundamentada na teoria dos valores e antropologia de Max Scheler. Frankl constrói seu pensamento psicológico baseado em conceitos-chave do pensamento scheleriano como (i) o valor e os bens, (ii) o querer e os sentimentos, (iii) a hierarquia de valores e (iv) a ideia de pessoa. É com eles que desenvolve suas teses originais da (i) motivação espiritual da ação humana, (ii) busca de sentido e (iii) inconsciente espiritual. Ao fazê-lo, ofereceu não só uma psicoterapia dos valores, mas também uma nova teoria da motivação humana positiva, não concebida como fruto de deficiência ou necessidade, mas do espírito livre direcionado a valores objetivos. A busca humana por sentido na vida só é possível ser bem-sucedida com a vivência e realização de valores superiores, no sentido hierárquico proposto por Scheler.

**Palavras-chave:** Frankl, Scheler, logoterapia, análise existencial, valor, sentido da vida.

**Abstract:** Viktor Frankl's Logotherapy is based on Max Scheler's theory of values and anthropology. Frankl builds his psychological thinking based on critical concepts of Schelerian thinking such as (i) value and goods, (ii) will and feelings, (iii) the hierarchy of values, and (iv) the idea of person. It is with them that he develops his original theses of (i) the spiritual motivation of human action, (ii) the search for meaning and (iii) the spiritual unconscious. In doing so, he offered not only a psychotherapy of values, but also a new theory of positive human motivation, not conceived as a result of deficiency or need, but as a result of the free spirit toward objective values. The human search for meaning in life can only be successful by living and realizing superior values, in the hierarchical sense proposed by Scheler.

**Keywords:** Frankl, Scheler, logotherapy, existential analyses, value, meaning of life.

**Resumen:** La Logoterapia propuesta por Viktor Frankl se basa en la teoría de los valores y antropología de Max Scheler. Frankl construye su pensamiento psicológico basado en conceptos clave del pensamiento Scheleriano como (i) valor y bienes, (ii) voluntad y sentimientos, (iii) la jerarquía de valores y (iv) la idea de persona. Es con ellos que desarrolla sus tesis originales de (i) la motivación espiritual de la acción humana, (ii) la búsqueda de significado y (iii) el inconsciente espiritual. Al hacerlo, ofreció no solo una psicoterapia de valores, sino también una nueva teoría de la motivación humana positiva, no concebida como resultado de la discapacidad o la necesidad, sino del espíritu libre dirigido a valores objetivos. La búsqueda humana de sentido en la vida solo es posible tener éxito con la experiencia y la realización de valores superiores, en el sentido jerárquico propuesto por Scheler.

**Palabras-Clave:** Frankl, Scheler, logoterapia, análisis existencial, valor, sentido de la vida.

\* Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Juiz de Fora. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4271-1025>. Email: [nbcadena@gmail.com](mailto:nbcadena@gmail.com).

\*\* Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Juiz de Fora. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2979-7995>. Email: [gustavocastanon@hotmail.com](mailto:gustavocastanon@hotmail.com)



## Introdução

Viktor Emil Frankl foi um dos mais importantes psicólogos do Século XX. Sua obra, conhecida pela centralidade que dá ao conceito de ‘sentido da vida’, continua influente até os dias de hoje, e a prática psicoterapêutica que desenvolveu, a Análise Existencial ou Logoterapia, continua a ser praticada, de forma pura ou através de alguns de seus princípios e técnicas que foram incorporados à Terapia Cognitiva. Sua obra mais conhecida, ‘Em Busca de Sentido’, não raro é considerada uma das mais importantes do século XX<sup>1</sup> ou mesmo já escritas<sup>2</sup>, e continua há anos ininterruptamente na lista dos livros mais vendidos no mundo<sup>3</sup>. O que pouco se conhece, no entanto, é o quanto sua abordagem psicológica é devedora da teoria dos valores e antropologia de Max Scheler, proeminente fenomenólogo e filósofo moral. A teoria dos valores desse filósofo ofereceu a base filosófica sobre a qual Frankl construiu sua teoria e prática psicológica e psicoterapêutica, que se constitui numa autêntica ‘psicologia dos valores’.

Pretendemos neste artigo tornar evidente que a Logoterapia é devedora da teoria dos valores e da antropologia de Max Scheler (Domínguez, 2011). Em seguida, destacaremos a inovação dos conceitos de motivação, busca de sentido e inconsciente espiritual presentes na Logoterapia de Viktor Frankl explicitando-a como uma verdadeira psicologia scheleriana.

## 1. Scheler e o Valor

A ideia de ‘valor’ é central na obra scheleriana. Assim como as coisas têm suas *essências* que determinam o que são, são também portadoras de *valores*. A diferença é que a *essência* é uma qualidade(s) ou característica(s) que define a coisa, é o seu núcleo invariante, a identidade que permanece, uma unidade ideal, o *quid* ((HUA XIX/1)); já o *valor* é suportado pelos objetos, ou ainda, o objeto é acompanhado pelo valor. Os objetos que suportam valores são chamados de ‘bens’ (Scheler, 2001). Para Scheler, ‘valor’ é um conceito primitivo, mais básico do que o conceito de ‘bem’. ‘Bem’ é algo que suporta valor, não o contrário.

Outras propriedades do valor para Scheler incluem a objetividade (o valor não é produzido pelo sujeito, mas descoberto), a imutabilidade (o valor não muda, se um objeto muda de valor é porque ele adquiriu outro), a aprioricidade (sua hierarquia é independente da experiência, universal e necessária), a materialidade (eles têm um conteúdo, não são princípios formais que fixam relações entre objetos) e são apreendidos na vivência pelo sentimento, não pela razão.

Os valores são qualidades objetivas que se dão a partir da vivência dos bens, são autônomos e independentes, não são uma criação do sujeito ou um acidente do objeto. Na verdade, os valores são universais manifestos no mundo, nos bens, e os seres humanos são capazes de intuí-los, de perceber emocionalmente sua objetividade. Assim, os valores e suas conexões não se confundem com os objetos e situações empíricos, são qualidades que acompanham os bens vinculadas a sua essência. Por exemplo, a música suporta o valor do agradável, mas não suporta o valor do justo, pois este valor não é compatível com sua essência, aquele, sim.

Mas o que nos permite ter essa intuição do valor? Para Scheler (2001, p. 127), é o sentimento. O sentimento é o “órgão” dos valores, o sentimento é capaz de intuir uma ordem do coração (Scheler, 2001, p. 356). Os valores e as conexões entre eles são intuídos pela percepção emocional no momento da vivência, nos atos de preferir e postergar, amar e odiar. Os valores provocariam um estado sentimental de prazer ou desprazer, e tais estados sentimentais são, então, relacionados às qualidades do agradável e desagradável.

Não é a razão que toma a frente nesse processo, e esse é um dos motivos pelos quais não é possível aplicar o método das ciências naturais ao conhecimento prático. A razão apenas se admira da riqueza dos valores, reconhece que cada coisa tem seu valor, descobre uma rede de valores e aprecia tal complexidade, mas não é capaz de evidenciá-los, apreendê-los ou defini-los. Sendo assim, não é possível definir a essência dos valores éticos, pois eles se manifestam na experiência vivida de um determinado sujeito. Somente como *fenômenos* se deixam captar. Isso não significa, no entanto, que sejam relativos ao sujeito. Os valores não têm origem no sujeito, mas são vivenciados pelo sujeito de modo semelhante às essências. E, assim como as essências, são *a priori*, universais e necessários (Scheler, 1994).

Para Scheler, um material (não-formal) *a priori* é compreendido na experiência do valor, pois toda experiência já possui valor latente. Um objeto de percepção como uma paisagem não é apenas vasta, mon-

1 Em 1991 o livro foi votado em pesquisa feita pela Library of Congress um dos 10 livros mais influentes já escritos. Citado em The SAGE Encyclopedia of Theory in Counseling and Psychotherapy, editado por Edward S. Neukrug.

2 Em 2000, no Japão, os leitores do Yomiuru Shimbun, jornal de maior tiragem diária do mundo, listaram o livro de Frankl como um dos “10 a serem levados para o século 21”. Viktor Frankl Institute. Disponível em <https://www.univie.ac.at/logotherapy/lifeandwork.html>

3 Em 05/01/2020 estava por exemplo em 45º lugar na lista de mais vendidos da Amazon Brasil. Disponível em: [https://www.amazon.com.br/gp/bestsellers/books/?ie=UTF8&ref\\_=sv\\_b\\_2](https://www.amazon.com.br/gp/bestsellers/books/?ie=UTF8&ref_=sv_b_2).



tanhosa, cinza e verde, mas agradável, majestosa e bela. Artefatos históricos carregam valores culturais para além de seu valor de uso, como a roca que Gandhi usava para fiar ou a imagem de uma deidade. Dizer que um valor acompanha um objeto não significa que ele é produzido por ele. A cor azul do céu não está presente nele, mas somente na nossa sensação. Da mesma forma que o intelecto identifica a cor azul, o sentimento identifica a beleza. O ato de valorar é sentimental, não intelectual. Nós “vemos” a beleza de uma pintura, assim como “vemos” suas cores. A apreensão do valor, para Scheler, é a nossa relação mais primordial com o mundo. Um objeto tem valor para nós antes de ser percebido ou conhecido. Assim, valorar é um ato de atribuição de sentido e, portanto, um ato intencional (Davis & Steinbock, 2019).

Para Scheler, existem dois sentimentos básicos, amor e ódio. Esses dois atos estão presentes em toda percepção de valor. No ato do amor, o valor de um objeto ou pessoa é evidenciado, revelando seu significado mais profundo. No ato do ódio, que é um movimento de destruição, esse valor é diminuído ou degradado. São através desses sentimentos que o mundo começa a ter significado para nós e começamos a preferir. Somos atraídos por aquilo que é de valor positivo e sentimos repulsa por aquilo que é de valor negativo.

Assim, Scheler evita qualquer relativismo. Os valores e as regras que regem suas relações são dados, são detectados a partir das vivências, não são fundados na experiência, não são descobertos num processo indutivo. Wojtyła comenta:

Trata-se na ética do que é bom ou mau, do próprio bem ou mal moral como tal. Nesse sentido, não podemos obter indutivamente o bem e o mal a partir dos dados empíricos, razão pela qual – como afirma Scheler – devem dar-se *a priori*. Scheler, porém, não põe este apriorismo além da experiência em geral, mas apenas além da experiência que constitui o dado de partida das ciências exatas (Wojtyła, 1993, p. 17).

É evidente que Scheler (2001), assim como Husserl, não define *a priori* da mesma maneira que Kant. O *a priori* fenomenológico é intuído na vivência, não construído pelo entendimento; é transcendente, não transcendental e pode ser material, não exclusivamente formal. Os valores e as conexões entre eles se fundam nas essências. Segundo Scheler, o que pode ser apreendido através deles é o *logos* que informa o universo.

O assento próprio de todo o *a priori* estimativo (e concretamente moral) é o *conhecimento do valor, a intuição do valor* que se cimeta no perceber sentimental, o preferir e, em último termo, no amar e o odiar, assim como a intuição das conexões que existem entre os valores, entre seu ser mais alto e mais baixo, quer dizer, o *conhecimento moral*. Este conhecimento se efetua, pois, mediante funções e atos *específicos* que são *toto coelo* distintos do perceber e pensar, e constituem o único acesso possível ao mundo dos valores. Os valores e suas hierarquias não se manifestam através da ‘percepção interior’ ou a observação (na qual é dado unicamente o psíquico), a não ser *em* um intercâmbio vivo e sentimental com o *universo* (bem seja este psíquico ou físico ou qualquer outro), “no preferir e postergar, no amar e o odiar mesmos, quer dizer, na trajetória da execução daqueles atos intencionais.” (Scheler, 2001, p. 127. Tradução nossa)

## 2. Scheler e a Ética

A Ética é fundada no conhecimento do valor, que possui seu próprio conteúdo *a priori* e sua própria evidência, de modo que o *querer* se acha dirigido primariamente à realização de um valor dado naqueles atos. E, somente enquanto este valor é dado faticamente na esfera do conhecimento moral, o *querer* é moralmente claro, uma volição motivada (Cadena, 2019), uma decisão bem fundada, a diferença do querer “cego”, volição arbitrária, do impulso caprichoso. Assim, pode estar dado um valor ao perceber sentimental e ao preferir, nos graus mais diversos de adequação, até chegar ao ‘estar dado por si mesmo’, coincidindo com a evidência absoluta. Se o valor mesmo está dado, o querer resultará necessário em seu ser, segundo uma *lei essencial*. “E neste sentido – mas unicamente neste sentido – pode-se restaurar o princípio socrático, ou seja: que todo “querer bom” está fundado no “conhecimento do bom”, e – respectivamente – todo querer mau descansa em um engano e extravio morais” (Scheler, 2001, p. 128).

Desse modo, Scheler separa o conhecimento moral do conhecimento teórico. A moral tem autonomia, fundamento e método próprios, e principalmente um “órgão” próprio, o *sentimento*, que é experimentado pelo espírito (Scheler, 2001). Isto não significa, no entanto, que sentimento e consciência, emoção e cognição, estejam apartados no atuar moral. Tem funções complementares, pois ao lado de uma Ética empírica há uma Ética pura. A primeira tem por objeto as vivências e os sentimentos que dão ocasião para intuição emocional dos valores. A segunda estuda os valores em sua dimensão pura e hierárquica. Em outras palavras, os sentimentos são o ponto de partida do atuar moral e, ao lado, a razão teórica segue responsável pela justificação, mas atua *ex post*. Ou ainda, a vivência dos bens dá ocasião para a intuição sentimental dos valores seguida do conhecimento dos valores.

O sujeito neste processo não é um mero espectador que vivencia e sente, o sujeito é dotado de autonomia, liberdade, livre arbítrio (Seifert, 2011), para realizar atos espirituais de decisão e julgamento. Scheler não dá ao sujeito um caráter passivo que apenas admira os valores manifestos nos bens. Scheler



dá ao espírito função ativa. O espírito ilumina os valores vivenciados e, além de sentir, prefere e posterga, ama e odeia. E, quando o faz de acordo com a hierarquia de valores, sua decisão é fundada (Scheler, 1960). Por isso, os seres humanos não se limitam a responder aos estímulos da vida natural, mas podem se libertar deles, podem conhecer as coisas segundo sua essência e valor, e formular hipóteses diversas para a realização dos valores.

O espírito é o que distingue o homem dos objetos e dos animais, é a causa da sua autonomia. Nesse sentido, Goma afirma que “o homem se diferencia essencialmente dos animais porque por cima de sua vida e em oposição a ela está constituído por um espírito, a cujo centro ativo se pode chamar pessoa” (Gomá, 2003, p. 304). O espírito reconhece os valores e compreende sua ordem, e pode encontrar maneiras diversas de realizá-los.

### 3. Scheler e a Hierarquia de Valores

Para Scheler, há uma clara diferença de valor entre os valores. Em toda experiência essa diferença se torna evidente através do fenômeno da preferência, que orienta nossos atos morais. Essa alegada ordem de preferência na experiência dos bens pode ser bem intuída pelo ato de sacrifício. Por exemplo, em prol do valor da saúde (valor vital), podemos sacrificar uma experiência prazerosa de uma excessiva quantidade de comida (valor sensível). Mesmo que não o façamos, sabemos que essa é uma escolha moralmente óbvia. Uma ordem de preferência de valores está presente em cada indivíduo, o que Scheler chama de ‘um *ethos*’. Na obra *Ética*, Scheler (2001) afirma que há basicamente quatro níveis nessa ‘hierarquia de valores’.

O primeiro inclui a série do agradável e desagradável. Corresponde a função do *perceber afetivo sensível*, com seus modos, o gozo e o sofrimento; e corresponde a esta série de valores estados afetivos dos *sentimentos sensíveis*, prazer e dor. É importante destacar que esta série de valores não é relativa ao ser humano, às coisas ou aos processos concretos do mundo real. A diferença dos valores, mesmo de agradável e desagradável, é uma diferença *absoluta*, claramente perceptível antes do conhecimento dessas coisas agradáveis ou desagradáveis. É preciso lembrar que, para Scheler, os valores estão manifestos nas coisas, mas são *a priori*. Assim, o que se pode “explicar” é unicamente o enlace do *estado* afetivo que acompanha determinados impulsos de ação dirigidos à coisa, nunca os valores mesmos e sua ordem de preferência. Pois esta ordem é válida independentemente de toda organização humana.

O segundo nível é composto pelos valores da *sensibilidade vital* que corresponde ao conjunto de valores do *perceber afetivo vital*. Os valores de coisas nessa modalidade são todas aquelas qualidades compreendidas na antítese *nobre-vulgar*. Compõem esses valores, todos aqueles valores que se acham situados na esfera do *bem* e do *bem-estar* e que estão subordinados ao nobre e vulgar. E, acompanham os *estados* do *sentimento vital*, por exemplo, vida ascendente e descendente, saúde e enfermidade, velhice e morte, esgotamento, vigor, alegria, aflição, angústia, vingança, cólera etc.

No terceiro estão os valores espirituais vivenciados pelo *sentimento axiológico* guiados pelo amor e pelo ódio. O reino dos valores espirituais está apartado do corpo e do contorno, e se manifestam como unidade. Ademais, sua percepção leva a clara evidência de que os valores vitais devem ser sacrificados perante eles.

Os atos e funções em que os apreendemos são funções do perceber sentimental *espiritual* e atos de preferir, amar e odiar *espirituais*, que se diferenciam das funções e atos *vitais* sinônimos, tanto fenomenologicamente, como também por suas *leis* peculiares (*irreduzíveis* a qualquer tipo de leis “*biológicas*”) (Scheler, 2001, p. 176).

Aqui estão os valores *estéticos* como o *belo* e o *feio*; o valor do puro *conhecimento* da *verdade*, tal como pretende realizá-los a filosofia e a ciência; e o valor *prático* do *justo* e do *injusto* que deve servir de fundamento para uma ordem jurídica objetiva, independente de qualquer posituação. Pertencem a esses valores reações peculiares como agradecer e desagradar, aprovar e desaprovar, apreço e menosprezo, desejo de revanche, simpatia espiritual, como a que funda, por exemplo, a amizade.

E, por último, no nível mais elevado, o valor do *sagrado* e do profano cujos *estados afetivos* correspondentes são a beatitude e o desespero. Os sentimentos vinculados a esses valores são a fé e a adoração, e seu oposto, a incredulidade. Tais valores se mostram somente em objetos que são dados na intenção como ‘objetos absolutos’. “Com respeito aos valores do santo, porém, todos os outros valores são dados como símbolos deles” (Scheler, 2001, p. 178).

O ato através do qual captamos originariamente os valores do sagrado é um ato de uma determinada classe de *amor*. São valores essencialmente humanos, valores de pessoas. Somente os seres humanos podem captar tal esfera de valores. Nas palavras de Scheler:

É de essência para este ato o dirigir-se a pessoas, quer dizer, para algo que reveste forma de ser pessoal, indiferentemente do que conteúdo e que “conceito” de pessoa se tenha presente. O valor por si mesmo na esfera de valores do “santo” é, pois, essencialmente um “valor de pessoas” (Scheler, 2001, 178).



Scheler (2001) estabelece cinco critérios para descrever essa *hierarquia de valores*. Os valores mais elevados são (i) os mais duradouros como a *verdade*, (ii) os menos divisíveis como o *belo*, (iii) os mais fundamentais ou menos dependentes como na relação meio-fim o valor meio é derivado do valor fim como o *útil*, (iv) os que proporcionam maior satisfação ou plenitude como o *amor* e (v) os menos relativos que demandam atos intencionais superiores para sua realização como a *justiça* que deriva da decisão bem fundada, do arbítrio. A vivência de valores superiores proporciona uma maior evolução pessoal além de poderem ser distribuídos mais amplamente. Sendo assim, o ser humano que reconhece a escala de valores e age *preferindo* e *postergando* valores no sentido de realizar os valores superiores, tem uma vida moral e se aperfeiçoa gradativamente. O que guia a pessoa no sentido dos valores mais elevados é o *amor*, e o que a afasta é o *ódio*. Trata-se de um amor agápico, amor ativo (Robbins, 2016), amor que alcança os outros. No nível mais baixo estão os valores efêmeros, fonte de prazer e dor. No topo da escala de valores estão os valores que somente os seres humanos podem captar, os valores do sagrado, mais duradouros. Podemos representar essa hierarquia na seguinte tabela:

NÍVEL	VALOR	ESTADO AFETIVO	SENTIMENTO
Sagrado	Sagrado (profano)	Beatitude	Fé e desespero
Espiritual	Amor (ódio)	Simpatia	Apreço e menosprezo
Vital	Nobreza (vulgaridade)	Vigor	Saúde e enfermidade
Sensível	Prazer (desprazer)	Excitação	Gozo e sofrimento

Tabela 1

O valor ético do *bem* se manifesta no ato de realizar *valores superiores*, mais elevados na *hierarquia de valores*, são os valores *espirituais* e do *sagrado*. O valor ético do mal, ao contrário, se manifesta no ato de realizar *valores inferiores*, mais baixos na escala de valores, valores vitais e, principalmente, sensíveis. Uma consequência importante é que o *bem* está em relação com o valor, não com a coisa, ou melhor, contribui para a realização de valores superiores. Apesar de os reconhecermos e de praticarmos atos que os realizam, não somos capazes de defini-los, apenas senti-los.

Para Scheler esse mundo dos valores não só se encontra plenamente ordenado em sua estrutura objetiva, como também sua percepção afetivo-cognoscitiva por parte do homem se distingue por certa ordem apriorística. E trata-se de uma ordem objetiva, visto que o puro sentimento não a cria entre os valores, mas apenas a capta como está disposta. A ordem se expressa em uma estrutura particular de correlações e vínculos entre os valores. Trata-se, sobretudo, de relações hierárquicas; alguns valores são, *a priori*, superiores a outros. A superioridade *a priori* de alguns valores sobre outros, percebe-a o homem emocionalmente; não apenas mediante a comparação discursiva recíproca e sim imediata e intuitivamente. Deste modo, aquele puro sentimento dos valores a que antes aludimos assume sempre o caráter de puro sentimento da superioridade ou da inferioridade de um valor (Wojtyla, 1993, p. 22).

Scheler afirma que uma vida espiritual íntegra não se reduz ao conhecer e ao pensar objetivos, mas inclui também atos puros e leis de atos, que são independentes em sua essência e conteúdo de toda organização humana. Inclusive a parte emocional do espírito, o sentir, o preferir, amar, odiar e querer têm um conteúdo primordial *a priori*, que não é oferecido pelo pensar, e que a Ética deve mostrar independentemente da Lógica. “Há uma ordem do coração ou lógica do coração, como atinadamente diz Blaise Pascal, que são *a priori*” (Scheler, 2001, p. 121).

Essa hierarquia dos valores, ou melhor, a superioridade de um valor nos é dada pelo *preferir*. Entretanto, ainda que a superioridade de um valor seja dada no ato de preferir, essa superioridade é uma relação ínsita à essência dos valores mesmos. Por isso é algo absolutamente invariável, ainda que as regras de preferência possam variar ao longo da história (Scheler, 2001). Portanto, não se deve confundir o preferir com o eleger ou com qualquer ato de tendência. Esta tendência deve fundar-se no conhecimento da superioridade do valor. Ademais, deve-se distinguir entre o preferir e a realização. O ato de preferir pode ser consciente e acompanhado de reflexão entre vários valores dados ao sentimento, mas pode ocorrer também de modo completamente automático, como em um preferir intuitivo.

É na experiência da preferência pelo valor que Scheler esclarece o sentido *a priori* de sua ética. Afirmar que há uma ordem objetiva de valores (uma *Ordo Amoris*) implica que devemos agir de maneira a promover valores mais altos ou positivos. Mas esses valores, materiais e *a priori*, embora não sejam dados





antes da experiência e só se revelem por ocasião das vivências dos bens, tem uma ordem hierárquica que, essa sim, independe da experiência (Scheler, 2012). Assim uma obra prima de Leonardo não é considerada apenas bela, mas também preferível ao meramente vital. Como disseram Davis & Steinbock (2019), “Uma vaca certamente tem um valor diferente para o hindu e para o fazendeiro. No entanto, que o sagrado deve ser preferido ao vital não é histórico ou culturalmente relativo”.

#### 4. Scheler e a Ideia de Pessoa

Para Scheler (1960), assim como para Husserl (HUA I), a grande tarefa da filosofia é a investigação da natureza humana. Num estudo publicado *Acerca da ideia do homem*, Scheler (1960) reconhece algumas compreensões distintas de ser humano: (i) o *homo creatus* uma criatura a imagem e semelhança de Deus; (ii) o *homo sapiens, zoon logikon, anima rationalis* um ser dotado de razão capaz de conhecer o ser, o mundo e a si mesmo, doar sentido, criar arte e cultura; (iii) *homo naturalis* uma continuação dos animais e sem uma unidade e qualidade específica natural que o distinga; (iv) *homo fabris* um ser capaz de fabricar ferramentas e cuja razão e lógica se formaram recentemente devido a suas ocupações; dentre outras.

De um lado, Scheler rejeita veementemente as definições de ser humano como *homo naturalis* e *homo fabris*, e também a ideia de ‘homem dionisiaco’, pois pretendem anular o espírito e a razão (Scheler, 1960). Também critica os reducionismos que compreendem o ser humano como resultado das relações econômicas, da natureza e seus instintos, ou da história e poderes políticos.

Por outro lado, Scheler destaca positivamente a compreensão de ser humano como dotado de razão e reforça a função da razão que “desde Platão até os estoicos: a razão humana como função parcial (mais tarde como ‘criatura’) do divino que possui a força de ideias e que produz constantemente o mundo e seu ordenamento – não no sentido de uma criação, mas de um eterno “mover e capturar” (Scheler, 1960, p. 81). Ainda neste sentido, aponta quatro notas comuns na antropologia de diversos filósofos da tradição ocidental (Aristóteles, Tomás de Aquino, Descartes, Spinoza, Leibniz, Kant, Malebranche e até Hegel): (i) o homem leva em si um agente divino, (ii) esse agente divino se identifica ontologicamente e é capaz de conhecer o mundo, (iii) esse agente – o logos – tem poder para realizar conteúdos ideais, (iv) esse agente é absolutamente constante na história. No entanto, ainda considera a compreensão de ser humano como *homo sapiens*, demasiadamente estreita.

Scheler (1994) concorda com a distinção husserliana entre ego empírico e ego transcendental. O sujeito é único, mas com duas dimensões diferentes, inseparáveis e necessárias. De um lado, o ego faz parte do mundo, é material, físico e psíquico, está no espaço e dura no tempo, é o ego empírico. De outro lado, é o polo para o qual os objetos se manifestam, existe diante do mundo, é espiritual, doa sentidos e julga, é o ego transcendental.

Na esfera do ego empírico, os atos são corporais ou psíquicos. Atos corporais são as percepções sensoriais e as necessidades fisiológicas em geral, como ver e respirar. Atos psíquicos são reações, impulsos e instintos, como as emoções. Esses são atos do ego empírico, não controlados. Na esfera do ego transcendental, os atos são espirituais, como pensar, refletir, meditar, decidir, valorar, julgar, controlar, entender, raciocinar etc., e esses são atos controlados. A esfera transcendental (ou espiritual) é um atributo humano, é o domínio do conhecimento e da virtude. É na esfera transcendental que o ego é um agente da razão e da verdade, da liberdade e dos valores. O ser humano, além de um ser biológico e psicológico, também é um ser espiritual, capaz de abstrair universais, agir de acordo com valores e visar fins, agir com responsabilidade.

Portanto, o ser humano é uma unidade com três dimensões: corpo-psyque-espírito. Mesmo quando o ser humano ainda não desenvolveu a esfera espiritual (por exemplo, é uma criança), ou está com essa dimensão danificada (por exemplo, em coma), ele a tem potência. Existe uma estrutura universal comum a todos os seres humanos (Munárriz, 2007). Em outras palavras, esta igualdade espiritual é em potência, não em ato. Não é preciso estar em pleno gozo das faculdades mentais para ser ser humano.

Em *Essência e formas da simpatia*, Scheler (2004) propõe uma visão de ser humano que evolui segundo três níveis: no mais baixo, estão os indivíduos que se dedicam aos valores sensoriais vinculados aos sentimentos de prazer e dor; no nível intermediário, estão aqueles que preferem os valores afetivos, vinculados às emoções, chamados de valores vitais que compõem a ordem da *psyque*; no nível mais elevado, o nível espiritual, estão as pessoas que realizam os valores espirituais e do sagrado. Essa distinção seria herdada por Frankl inclusive para se referir ao que ele considerava serem as duas escolas de psiquiatria surgidas antes dele, como veremos.

Coerentemente, a liberdade também tem graus (Scheler, 1960), tanto nas diferentes fases da vida de uma pessoa, como entre pessoas distintas. Como explica Scheler, “Liberdade é a determinação para uma relação vivenciada da causalidade superior e mais amecânica com a inferior e mecânica” (Scheler, 1960, p. 18). Os seres humanos são as causas amecânicas, capazes de intuir essências, agir por valor e de acordo com fins. É isto que torna as ações humanas estáveis e previsíveis, a liberdade é a origem da estabilidade, e não do caos. Para Scheler, assim como para Husserl (HUA IX), os seres humanos são dotados de liberdade,



liberdade entendida como autonomia. Seres humanos são livres porque são seres espirituais. Seres espirituais são capazes de intuir emocionalmente valores, de compreender sua hierarquia e agir de acordo, uma volição motivada. Qual o valor mais elevado? O sagrado intuído por uma determinada classe de amor. Na esfera dos valores do sagrado, por necessidade essencial, o 'valor da pessoa'.

O valor da pessoa (Velasco, 2009) é superior a todo valor das coisas (bens), todos os valores estão subordinados aos valores pessoais, pois o valor da pessoa radica em um ser, um ser individual. A pessoa, por estar dotada de autociência e liberdade, é capaz de descobrir nos demais microcosmos valores. Em outras palavras, os seres humanos suportam o valor do sagrado, intuem emocionalmente esse valor, compreendem sua posição na hierarquia de valores e são capazes de agir no sentido da realização e proteção do valor do sagrado encarnado nas pessoas.

## 5. Frankl e a Motivação Espiritual da Ação Humana

Até o surgimento da obra de Viktor Frankl, a Psicologia somente havia oferecido modelos reativos da motivação humana. Basicamente, as famílias de teorias da motivação eram as instintivas, as homeostáticas e a teoria de Maslow (1954) da hierarquia de necessidades. Em comum a todas elas, a ideia de que o que move o Ser Humano é a necessidade ou a carência.

'Motivação' (motor da ação) pode ser definida como a característica psicológica que impele o organismo a agir em direção a uma meta, dando propósito e direção ao comportamento. Já 'necessidade' poderíamos definir como demanda psicológica que se não satisfeita gera desprazer, e que se permanece insatisfeita por tempo suficiente leva à morte ou à doença. Embora a Psicologia os trate muitas vezes como sinônimos, são conceitos certamente distintos, não-coextensionais.

As teorias do instinto são teorias da necessidade. Instinto seria um impulso inato para realizar determinada resposta a determinado estímulo, universal na espécie (ou em um gênero daquela espécie). De alguma forma que ainda não sabemos, ele seria resultante de vantagens adaptativas deste comportamento determinado para a espécie ao longo do processo evolutivo. O impulso instintivo seria sentido de forma passiva pelo sujeito, que caberia somente ceder ou resistir, quando possível, a ele, à custa de grande sofrimento psíquico. A supressão continuada de instintos como o de procriar levaria ao adocimento psíquico, e o de respirar, à morte.

Já os modelos homeostáticos de motivação mostram que determinadas motivações são impulsos de natureza somática no sentido de reduzir ou eliminar o desequilíbrio de um sistema biologicamente programado. São exemplos de sistemas homeostáticos a fome, a sede e o sono. Embora muitas motivações conhecidas não sigam esse modelo, sua existência parece indisputável. É uma motivação de necessidade também: se não recuperado o equilíbrio somático em questão (nível de água, glicose ou sono), o sofrimento psíquico é extremo e a morte, certa.

O contraste entre a hierarquia positiva dos valores de Scheler e a hierarquia de necessidades da teoria de Maslow é bastante ilustrativa para entendermos a natureza da mudança proposta por Frankl. Para Maslow toda motivação é necessidade, e há necessidades mais poderosas que outras, que se não satisfeitas, mobilizam em maior grau nossas forças psíquicas. Se tivermos fome, nossa prioridade é satisfazê-la, e não conseguir a estima de um colega, por exemplo. Essa hierarquia seria universal na espécie, mas na prática, a ordem na hierarquia é difícil de ser estabelecida experimentalmente e parece ser subvertida facilmente.

Todas essas teorias da motivação são teorias da deficiência: dar vazão a um impulso, recuperar o equilíbrio perdido, satisfazer uma necessidade. Frankl propõe uma teoria da motivação positiva, que não visa à eliminação de uma deficiência ou necessidade, mas sim a realização de sentido e valor. Ele herda de Scheler não só o conceito de valor e sua hierarquia, mas encontra nele um guia para sua visão antropológica.

Na Logoterapia (Frankl, 1993) – terapia do sentido – se considera que boa parte de nossas doenças psíquicas são causadas não por uma necessidade ou instinto insatisfeito, mas sim pela frustração de uma vida sem sentido. Não se nega a existência das motivações de deficiência, mas sim sua exclusividade. Não se pode ser plenamente saudável e feliz simplesmente sanando necessidades, mas somente realizando valores e significado de forma positiva.

Frankl (1993) gostava de designar sua *Análise Existencial* como a *Terceira escola vienense de Psicoterapia*, nome que evidenciava sua ligação com a psicanálise freudiana e adleriana sem implicar, no entanto, numa adesão (Morgan, 1983). Neste sentido, Dominguez (2011) alerta que estas visões sofrem de uma cegueira dos valores e para dimensão espiritual do ser humano. Por isso, Frankl combinava tal compreensão com a visão de ser humano scheleriana apresentada em *Essência e formas da simpatia* (Scheler, 2004). Para Scheler, o ser humano evolui segundo três níveis: (i) no mais baixo estão os indivíduos que se dedicam aos valores sensoriais vinculados aos sentimentos de prazer e dor, (ii) no nível intermediário estão aqueles que preferem os valores afetivos vinculados às emoções, chamados de valores vitais que compõem a ordem da psique, por fim, (iii) o nível mais elevado, o nível espiritual, onde estão as pessoas que realizam os valores espirituais e do sagrado.



Neste sentido, Frankl (1978) não renega o inconsciente psicobiológico freudiano, que impulsiona o ser humano à satisfação de demandas libidinais, apresentando o prazer como o princípio motivacional. Visão compatível com a classificação de Scheler de “homem sensível” como o indivíduo que orienta sua vida predominantemente por esse tipo de motivação.

Também não renega a psicologia individual adleriana, que defende que a superação de um sentimento básico de inferioridade, o complexo de inferioridade, se impõe sobre o prazer como principal fonte motivacional: a busca de saúde e poder. Ele considerava a pessoa orientada primariamente por esse tipo de motivação o “homem vital” de Scheler. No entanto, dizia ele numa imagem famosa:

Naturalmente, um avião não deixa de ser um avião, ainda que só se mova no solo: pode, e mais, deve tornar a mover-se continuamente no solo! Mas o fato de que é um avião só é demonstrado quando se eleva pelos ares. De forma análoga o homem começa a comportar-se como homem somente se pode sair do plano da facticidade psicofísico-organísmica e pode ir ao encontro de si mesmo, sem por isto ter que confrontar a si mesmo.

Este poder é o que quer dizer existir e existir significa: estar acima de si mesmo sempre (Frankl, 1994, p. 78).

Da mesma forma, o ser humano quando vivendo sob a vontade<sup>4</sup> de prazer e vontade de poder não realiza sua natureza particular. Existe, para Frankl, uma terceira fonte de motivação para as ações humanas: a vontade (*Willkür*) de sentido, típica da dimensão espiritual, aqui no mesmo sentido que Scheler deu ao termo. O ser humano é o único animal que desde a mais tenra infância tem as mais inaturais questões, é o único animal que pergunta: ‘porque?’, ‘o que é isso em essência?’ e principalmente, ‘Eu existo, soffro, e morrerei para quê?’.

## 6. Frankl e o Sentido

Esses tipos de questões a respeito da natureza última da realidade e do sentido último da existência para Frankl não são sintomas neuróticos como queria Freud, mas sim manifestações de uma dimensão espiritual do ser humano. Para a Logoterapia, a chave para a saúde psíquica dessa dimensão é a vivência de sentido, de valor na vida.

Porque todo sentido da vida só pode ser encontrado na busca, realização e vivência de valores. Só tem sentido o que tem valor intrínseco, e não derivado, o que vale por si mesmo, e não pelo que pode dar (utilidade). Quando o ser humano falha em encontrar um sentido real, a ser vivenciado em sua existência, perde o entusiasmo pelo trabalho, pelas relações sociais, e todo prazer e poder se afiguram insípidos. É o que Frankl chama de ‘vazio existencial’ ou ‘neurose noógena’ (Frankl, 1993).

Frankl (1973) é explícito em atribuir a Scheler e seu estudo sobre o “homem burguês” (Scheler, 2012), a origem de seu conceito de ‘neurose noógena’, ou seu apelido, a ‘neurose de domingo’. Ela seria consequência de uma vida vivida para realizar e acumular meios de realizar valores (como poder e bens materiais), e não valores em si, que são o objetivo da psique sadia. É essa categoria de homens, diz Frankl, que uma vez que atinjam alguma estabilidade e segurança profissional, trabalhando com afinco durante toda semana, são tomados nos domingos por um sentimento de vazio em suas vidas, o que ele chamava de ‘*horror vacui*’, tendendo a se refugiarem em algum tipo de droga como o álcool.

Segundo Scheler, Frankl defende que a realização de sentido depende da pessoa e da situação em que ela se encontra, no entanto, o sentido é objetivo, e não subjetivo. Por exemplo, numa determinada configuração de um jogo de xadrez, a jogada que faz mais sentido em determinada rodada muitas vezes está determinada objetivamente pela configuração das peças, embora mude a cada rodada.

O sentido da vida, ou os vários sentidos que a vida todo dia nos impõe, é encontrado de forma objetiva na ação que, em determinada situação concreta, irrepitível, permite a realização do valor mais elevado possível. A missão de nossa consciência é descobrir na situação o sentido que está se apresentando. Se trata de uma única e “exclusiva possibilidade de uma pessoa concreta em sua situação concreta, possibilidade que de alguma forma Max Scheler tratou de designar com o conceito de ‘valores de situação’” (Frankl, 1992, p. 27). Essa missão para Frankl é sempre algo absolutamente individual, um ‘dever-ser’ que não pode ser determinado por nenhuma lei geral ou cognoscível racionalmente, mas só captável pela consciência de forma intuitiva pelo órgão do valor que é o sentimento.

Assim, o sentido da vida, ou a missão, não só varia de indivíduo para indivíduo, dado seu caráter único e insubstituível, como também varia de momento para momento. Citando novamente Scheler, Frankl lembra que não se trata de negar os valores eternos, mas lembrar que essas pequenas oportunida-

4 Kant estabelece na CRP e na FMC uma distinção entre Wille e Willkür. Ambos os termos são traduzidos por vontade, mas Willkür seria melhor traduzido por arbítrio. Willkür é a capacidade de escolha, e liberdade é a capacidade de escolha independente de coerções oriundas dos sentidos, por isso o homem possui a capacidade de se autodeterminar. Scheler (e Frankl) parecem acompanhar Kant nesta distinção (Perrin, 1991).





des de realizá-los, em contextos específicos, são situacionais (valores de situação), que aguardam sua hora de acontecer e só tem a oportunidade de serem realizados uma única vez. Perdida a oportunidade, perdido está aquele 'valor de situação' (Frankl, 1973) para sempre.

A maior oportunidade de realizar valores superiores é a realização do sentido da vida. Essa realização não é uma questão de necessidade, carência ou pergunta pelo que a vida tem a te dar, mas sim o que você tem a dar para a vida. O que ninguém mais poderia fazer por mim ou nesse mundo? Essa é uma pergunta fundamental para encontrar o sentido pessoal para a vida. Para Frankl (1993), ele pode ser descoberto de três formas básicas: realizando uma obra, amando alguém ou algo ou sofrendo por algo mais importante que a própria vida.

Outra questão a ser lembrada aqui é que ao longo da vida teremos conflitos entre valores a serem realizados, entre o belo e o sagrado, ou o justo e o verdadeiro, o vital e o prazeroso e assim por diante. Frankl (1973) segue Scheler na crença de que esses valores são "incomensuráveis" (p. 309), portanto não podem ser comparados. Enquanto alguns conflitos são de resolução moral fácil, como os entre valores de diferentes ordens, conflitos entre valores da mesma ordem hierárquica como amor e verdade, justiça e beleza ou saúde e alegria podem causar bastante sofrimento psíquico e é função do psicoterapeuta ajudar as pessoas a esclarecer o conflito de valores por trás do conflito concreto.

Por fim, ainda pode ser útil aqui lembrar que, seguindo esse conceito de sentido da vida, Frankl elabora também sua própria conceituação do que seria o sentimento de 'fé', que conduziria ao estado que Scheler chama de "beatitude". Ele a chama de 'Supra-sentido': um sentimento de sentido incondicional da vida, que salvaria da falta de sentido sua própria transitoriedade.

## 7. Frankl e o Inconsciente Espiritual

Para Frankl, nosso inconsciente não é somente uma fonte de pulsão libidinal de origem somática, mas também a sede da pessoa, fonte das ações e da intuição do valor. Diz Frankl (1992): "O inconsciente não se compõe unicamente de elementos instintivos, mas também espirituais" (p. 18). Para a Psicanálise o homem busca a gratificação, mas para a Logoterapia a felicidade só é encontrada no ato de se pôr em direção a algo, a um valor. Ao contrário dos sistemas homeostáticos de motivação, o modelo de ser humano frankliano considera que a saúde psíquica humana é um estado de tensão entre o que se é e o que se deveria ser. Temos intuições naturais e inconscientes não só do prazer e da saúde, mas do amor, da justiça, da verdade, da beleza e também do sagrado. Quando deixamos de buscar a realização ou concretização dessas intuições, também ficamos neuróticos.

Para Frankl essa dimensão espiritual, a dimensão dos valores, era essencialmente diferente da dimensão psicológica. A existência, pensava ele, é sempre irrefletida, pois não pode ser objeto de reflexão. A verdadeira pessoa profunda, espiritual, está sempre inconsciente (Frankl, 1992). O sentido dessa afirmação é de que a execução espiritual dos atos e, conseqüentemente, a entidade pessoal como centro espiritual desses atos, é pura execução que não reflete sobre si mesma. É uma variação da afirmação de Brentano de que consciência é sempre consciência de algo diferente dela própria. O eu executor é sempre diferente do que é executado. Ele ilustra sua ideia de pessoa profunda, centro de atos espirituais, inconsciente, com a ideia do olho. Da mesma maneira como o olho não vê a si mesmo e tem seu 'ponto cego' na retina, assim também o espírito, exatamente onde tem sua origem, é cego para se autocontemplar. Cita os Vedas para ilustrar o ponto "O que vê não pode ser visto, o que ouve não pode ser ouvido, o que pensa não pode ser pensado" (Frankl, 1992, p. 30-31).

Para defender essa ideia, novamente Frankl recorre à forma como Scheler define 'pessoa', como portadora ou suporte de atos espirituais, mas também como centro e fonte criadora dos mesmos. Sendo aquilo de onde procedem atos espirituais, também é aquilo em torno do que se agrupa todo o psicofísico. Mas a pessoa *tem* um elemento psicofísico, e *é* sua dimensão espiritual. Não são, portanto, todos os sentimentos que têm origem no inconsciente espiritual para Frankl. Recorrendo novamente a Scheler, ele distingue entre 'sentimento de estado', 'estado afetivo' e 'sentimento intencional'. Este último ele considera que é típico do inconsciente, mas não os dois primeiros, que estão no mesmo estágio dos instintos e estados impulsivos.

Todavia o inconsciente espiritual não atuaria apenas na origem da psique. Ele não está presente somente no mais profundo, mas também no mais sutil e mais elevado. Como exemplo máximo disso, Frankl (1992) cita a própria capacidade de decidir, durante o sono, entre continuar inconsciente ou despertar. Há alguma instância decidindo se a pessoa que sonha deve continuar adormecida ou despertar, diante de um barulho que deve ser julgado como ameaça ou o choro de um filho. Como lembra Frankl, uma mãe pode acordar em função de um pequeno distúrbio no ritmo respiratório de seu filho recém-nascido, mas permanecer completamente indiferente aos ruídos fortes que saem da rua. Esse mesmo estado se faz sentir na hipnose, onde o sujeito abandona o estado assim que algo que ele não deseja aconteça. O que decide se algo se torna consciente ou permanece inconsciente, diferencia e julga de alguma forma. Decidir, diferenciar e julgar são atos espirituais. Neste sentido, Frankl defende que o espiritual não só pode ser inconsciente, mas também, deve, tanto em sua última instância quanto em sua origem, ser inconsciente.



## Considerações Finais

Frankl construiu um modelo psicoterapêutico baseado fundamentalmente na teoria dos valores e antropologia de Scheler. Ao fazê-lo, ofereceu não só uma psicoterapia e psicopatologia dos valores, mas também uma nova teoria da motivação humana que não a concebia como exclusivamente fruto de carências e necessidades, mas do espírito livre direcionado a valores positivos e objetivos. A busca por sentido e valor é uma espécie de motivação humana que não nasce da falta, mas sim da *Willkür* orientada a valores superiores, espirituais e sagrados.

Essa concepção, como vimos aqui, foi praticamente toda herdada de Scheler, que a partir de uma abordagem fenomenológica propôs uma descrição da motivação humana direcionada à existência de valores objetivos intuídos emocionalmente na vivência e compreendidos pela consciência. Evidentemente este tipo de abordagem da motivação humana está além da possibilidade de investigação experimental. Isso não quer dizer, no entanto, que não saibamos ser intuitivamente óbvio que buscamos o bom, o belo, o verdadeiro e o justo sem qualquer necessidade de suprir uma carência.

## Referências

- Cadena, N. (2019). Scheler e o problema do livre arbítrio. In Roberto S. Kahlmeyer-Mertens, Katyana M. Weyh, Eduardo H.S. Kisse, Marcelo R. Silva & José Dias (Orgs). *Studium Max Scheler: novas recepções*, vol. II. Ed. E-book (pp. 215-252). Toledo: Vivens. <http://www.humanitasvivens.com.br/livro.php?id=349>
- Davis, Z. & Steinbock, A. (2019). "Max Scheler", In Edward N. Zalta (Ed.), *The Stanford Encyclopedia of Philosophy* (Spring 2019 Edition). <https://plato.stanford.edu/archives/spr2019/entries/scheler/>
- Domínguez, X (2011). *Psicología de la persona*. Madrid: Palabra.
- Frankl, V. E. (1973). *Psicoterapia e Sentido da Vida*. São Paulo: Editora Quadrante.
- Frankl, V. E. (1978). *Fundamentos antropológicos da psicoterapia*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Frankl, V. E. (1991). *Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração*. Petrópolis: Vozes.
- Frankl, V. E. (1992). *A Presença Ignorada de Deus*. Petrópolis: Vozes.
- Frankl, V. E. (1993). *Em Busca de Sentido*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Frankl, V. E. (1994). *Logoterapia y análisis existencial*. Barcelona: Herder.
- Goma, F. (2003). Scheler y la ética de los valores. In Victoria Camps, ed. *Historia de la ética - La ética contemporánea*. Vol. 3 (p. 297-326). Barcelona: Editorial Crítica.
- Husserl, E. (1985). *Meditaciones Cartesianas*. Madrid: Fondo de Cultura Económica (HUA I).
- Husserl, E. (1998). *Invitación a la fenomenología. La filosofía como autorreflexión de la humanidad*. Barcelona: Universidad Autónoma de Barcelona (HUA IX).
- Husserl, E. (2007). *Investigações Lógicas. Segundo volume, parte I: Investigações para a Fenomenologia e a Teoria do Conhecimento*. Lisboa: Centro de Filosofia de Lisboa (HUA XIX/1).
- Maslow, A. H. (1954). *Motivation and personality*. New York: Harper and Row.
- Morgan, J. (1983). Personal Meaning as Therapy: The Roots and Branches of Frankl's Psychology. *Pastoral Psychology*, 31 (3), 184-192.
- Munárriz, L. (2007). Persona y Sustancia en la Filosofía de Max Scheler. *Anuario Filosófico*, 10 (1): 9-26.
- Perrin, R. (1991). *Max Scheler's concept of the person, an Ethics of Humanism*. New York: St. Martin's Press.
- Robbins, B. (2016). The Heart of Humanistic Psychology: Human Dignity Disclosed Through a Hermeneutic of Love. *Journal of Humanistic Psychology*, 56 (3), 223-237.
- Scheler, M. (1960). *Metafísica de la Libertad*. [*Phaenomenologie und Metaphysik der Freiheit*]. Buenos Aires: Editorial Nova.



- Scheler, M. (1994). *El puesto del hombre en el cosmos*. Buenos Aires: Editora Losada.
- Scheler, M. (2001). *Ética – Nuevo ensayo de fundamentación de un personalismo ético*. Madrid: Caparros Editores.
- Scheler, M. (1973). *Formalism in Ethics and Non-Formal Ethics of Values*. Evanston: Northwestern University Press.
- Scheler, M. (2004). *Esencia y formas de la simpatía*. Buenos Aires: Editorial Losada.
- Scheler, M. (2012). *Da Reviravolta dos valores: ensaios e artigos*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Scheler, M. (2012). *Ordo Amoris*. Covilhã: Universidade da Beira Interior/Lusosofia. [http://www.lusosofia.net/textos/scheler\\_ordo\\_amoris.pdf](http://www.lusosofia.net/textos/scheler_ordo_amoris.pdf)
- Seifert, J. (2011). In Defense of Free Will: a Critique of Benjamin Libet. *The Review of Metaphysics*, 65 (2), 377-307.
- Velasco, F. (2009). La persona: valor y amor en la filosofía de Max Scheler. *Análisis*, 74, pp. 71-94.
- Wojtyla, K. (1993). *Max Scheler e a ética cristã*. Curitiba: Champagnat.

Recebido em 14.01.2020 – Aceito em 14.03.2020